

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 10 • 2001/2002



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2001/2002

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 10 • 2001/2002 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Europress, Lda. – Tel. 21 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

UM NOTÁVEL ÍDOLO DE CALCÁRIO DO DÓLMEN DE CASAINHOS (LOURES)⁽¹⁾

João Luís Cardoso²
António Gonzalez
Guilherme Cardoso³

1 – INTRODUÇÃO E CONDIÇÕES DA DESCOBERTA

O raro artefacto pré-histórico que será objecto deste estudo, provém do dólmen de Casainhos (Fanhões, Loures), monumento de câmara poligonal definida por vários esteios apenas em parte conservados, e com um corredor, orientado para Sueste, em boa parte escavado no substrato geológico e provido de um nicho lateral, características que conferem à construção tumular particular interesse, ainda que comuns a outros monumentos dolménicos da região (FERREIRA, 1959).

A peça foi recolhida à superfície, no interior da antiga câmara megalítica, por um de nós (A. G.), num dos limites da área escavada nos finais da década de 1990, encontrando-se a sua presença denunciada por uma pequena zona decorada, que aflorava no terreno (Fig. 1).

As circunstâncias da descoberta podem considerar-se excepcionais, porquanto o interior do monumento megalítico foi objecto de escavação supostamente integral, em 1961 (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969), circunstância que o achado da presente peça veio mostrar ser falsa: aliás, nota-se bem o enchimento arqueológico ainda hoje conservado no interior da câmara, a merecer cuidada investigação. Talvez por ter-se tomado como adquirido o total esvaziamento do interior do recinto, as explorações ulteriores efectuadas em extensão, em pelo menos duas campanhas de escavações, na década de 1990, privilegiaram a área periférica do mesmo, já então muito degradada: com efeito, desde 1961, havia desaparecido a grande

⁽¹⁾ Trabalho realizado pelo primeiro signatário, com base na amável cedência da peça para estudo, devida ao segundo. O terceiro, forneceu diversas informações.

⁽²⁾ Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa), Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

⁽³⁾ Arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa.

lage de cabeceira, bem como o maior dos esteios então conservados, situado do lado poente, subsistindo apenas dois dos quatro esteios registados na planta de 1961, ambos do lado nascente. Trata-se de mais uma evidência de como, em zonas de rápido crescimento urbano, não basta classificar para garantir a efectiva protecção dos monumentos: o dólmen de Casainhos foi classificado como Monumento Nacional (!), pelo Decreto 129/77, de 29 de Setembro, sem que algo tivesse sido feito para a salvaguarda devida a tão alto estatuto, assim adquirido... resta saber para quê.

As escavações da década de 1990 apenas revelaram, segundo os responsáveis, escassos e pouco relevantes materiais arqueológicos (ESTÊVÃO & DEUS, 2000). De referir, ainda, a pouca profundidade do substrato geológico, constituído por calcários do Cretácico, elemento adicional para reduzir as probabilidades do achado de tão rara peça. No entanto, o monumento forneceu em 1961 diversos artefactos ideotécnicos, alguns deles notáveis, coevos da peça agora publicada, guardados no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, onde esta será depositada, por decisão do seu achador.

2 – DESCRIÇÃO DA PEÇA E SUA INTEGRAÇÃO CULTURAL

Tradicionalmente, os ídolos calcários que ocorrem por vezes em grande abundância na Estremadura, reportam-se ao Calcolítico. Tal atribuição baseia-se não só na sua pesença em monumentos funerários característicos dessa época, como as sepulturas de falsa cúpula, como também pela sua ausência em ambientes estritamente anteriores, como é o caso de certas grutas sepulcrais, como a do Lugar do Canto, Alcanena (LEITÃO *et al.*, 1987), ou de povoados, como o de Leceia, Oeiras, no qual a camada atribuível ao Neolítico Final não forneceu qualquer artefacto de calcário, contrastando com os encontrados nas camadas calcolíticas (CARDOSO, 1989, 1994, 1997). Tal não significa, porém, que tenham, forçosamente, uma origem exógena, tendo presente que, na referida camada neolítica de Leceia se encontraram exemplares de ídolos do tipo garrafa, de corpo tronco-cónico e cabeça achatada, de barro (CARDOSO, 1989, Fig. 110, n.º 2), protótipos dos seus congéneres calcolíticos, de calcário, osso ou marfim. Por outro lado, na gruta do Escoural, Montemor-o-Novo, foram recolhidas duas maças rituais de calcário, cuja integração no Neolítico Final parece não oferecer dúvidas (SANTOS, 1971). Assim sendo, pode concluir-se que o uso do calcário, como rocha preferencial para a confecção de peças ideotécnicas se terá iniciado, no sul do actual território português, ainda no Neolítico Final, do mesmo modo que os protótipos formais de tais peças remontam também a tal época, permitindo assim admitir a sua origem no Neolítico Final regional, ainda que influências ulteriores, sem dúvida de origem mediterrânea, tenham produzido uma notável diversidade de formas, correspondentes a significados e funcionalidades também diferentes.

É neste último grupo que se insere a peça em apreço. Trata-se de um exemplar afeiçoado em calcário branco, compacto e subcristalino, presumivelmente oriundo de uma bancada do Cenomaniano Superior (Cretácico Médio), que aflora na própria área de implantação do monumento dolménico cujos esteios, aliás, são constituídos por blocos com aquela origem.

A peça, com o comprimento máximo de 123,5 mm, é formada por dois elementos principais (Fig. 2, 3): um corpo principal, de formato piriforme, com o comprimento de 66,7 mm e o diâmetro máximo (que

corresponde ao diâmetro máximo da peça) de 57,7 mm; e um pedúnculo, de formato cilíndrico, separado do corpo anterior por um sulco basal bem marcado, e rematado inferiormente por um pomo terminal, em forma de uma calote esférica, de maior diâmetro. As suas dimensões são as seguintes: comprimento total do pedúnculo: 56,8 mm; diâmetro na parte central: 28,8 mm; diâmetro do pomo terminal: 31,8 mm.

A decoração circunscreve-se, como é normal neste grupo de peças, à parte superior, piriforme, que apresenta uma teoria decorativa constituída por três campos, compartimentados entre si por três linhas onduladas de desenvolvimento vertical, convergentes no vértice, cujas extremidades, de contorno elipsoidal, contrastando com as extremidades inferiores, que são pontiagudas, indicam a representação de serpentes e não de simples serpentiformes (Figs. 2, 3). Os três répteis inscrevem-se integralmente apenas numa das metades do ídolo: dois deles desenvolvem-se ao longo de dois meridianos diametralmente opostos, ainda que não se afigurem simétricos, enquanto o terceiro ocupa meridiano situado a meia distância dos dois anteriores (Fig. 3). Tal disposição não resultou, naturalmente, de obra do acaso. O espaço assim compartimentado é ocupado por reticulado obtido por sulcos largos, de secção em “U”, abertos e pouco profundos, produzidos por abrasão, conferindo à superfície decorada um aspecto escamoso (Figs. 2, 3). A mesma técnica foi utilizada na feitura das serpentes. No conjunto, tanto estas, como os motivos reticulados, individualizaram-se da superfície da peça, pela técnica do baixo-relevo. O pedúnculo e respectivo remate são lisos.

3 – COMPARAÇÕES

Com base em trabalho anteriormente publicado por um de nós (CARDOSO, 1991), peças com as características da agora publicada são conhecidas apenas na área da Estremadura portuguesa, constituindo, deste modo, artefactos de características regionais bem marcadas. Inventariaram-se ocorrências nas seguintes estações, todas de calcário, exceptuando as duas da necrópole do Cabeço da Arruda, que são de arenito:

- Povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de S. Pedro/Azambuja – dois exemplares lisos;
- *Tholos* de Pai Mogo, Lourinhã – um exemplar liso;
- *Tholos* de Barro, Torres Vedras – um exemplar liso;
- *Tholos* da Serra das Mutelas, Torres Vedras – um exemplar liso;
- Necrópole do Cabeço da Arruda, Torres Vedras – dois exemplares lisos;
- Gruta natural da Cova da Moura, Torres Vedras – um exemplar liso;
- *Tholoi* de S. Martinho, Sintra – dois exemplares decorados e um liso;
- Necrópole da Serra das Baútas – um exemplar cuja presença carece de confirmação, de características desconhecidas;
- Grutas artificiais de Carenque – um exemplar decorado;
- Grutas artificiais de Alapraia – um exemplar decorado;
- Anta de Belas (monumento carecendo de localização mais precisa) – um exemplar decorado;
- Gruta natural da Lapa do Bugio, Sesimbra – dois exemplares decorados, dos quais um se afasta da tipologia das peças em causa, podendo corresponder à inflorescência de uma alcachofra.

Todos os exemplares inventariados apresentam evidentes similitudes entre si, sejam lisos ou decorados: apenas um dos recolhidos na Lapa do Bugio se afasta do conjunto, por sugerir uma inflorescência de alcachofra, conforme bem assinalou E. da Cunha Serrão (SERRÃO, 1975). Os restantes têm sido reportados à representação da pinha, semelhança que é reforçada pela existência das linhas cruzadas obliquamente nas peças decoradas, evocando a disposição das brácteas, nas pinhas dos pinheiros. Outras designações lhes têm sido adstritas, como a de “flor de palmeira”, referida por diversos autores portugueses; trata-se de hipótese pouco credível, por serem peças produzidas em região onde tais árvores não existiam, fundamentando-se apenas nas semelhanças formais com tais representações, profusamente executadas no Próximo Oriente com significado religioso (a palmeira mística), muitas vezes a ser tocada pelo “Deus Fecundador”, como ocorre em relevos assírios (ver por exemplo, SIRET, 1913, p. 281, 282). Enfim, outra hipótese, foi avançada por um de nós, em estudo já aludido: a de poderem representar o bolbo da flor de lótus, relacionado com a pureza e, tal como a pinha, com a renovação da vida, crença que bem se adaptaria ao acompanhamento dos mortos, papel reservado a estas peças (CARDOSO, 1991). Porém, também então se admitia como menos credível esta possibilidade, dada a ausência, igualmente verificada no nosso território, de tais plantas, para além de que as linhas cruzadas no corpo das peças não são compatíveis com a representação das pétalas, que deveriam antes representar-se através de linhas longitudinais.

4 – DISCUSSÃO

Pelas considerações atrás aduzidas, admite-se que estas peculiares peças do Calcolítico da Estremadura – exceptuando um dos exemplares da Lapa do Bugio – correspondam à reprodução de pinhas de pinheiro, as quais sempre detiveram, em diversas épocas e religiões, incluindo na antiga Grécia e em Roma, um significado estreitamente ligado à renovação da vida (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1994). A título de exemplo, Dioniso (Baco, no panteão romano), representava a vegetação, os frutos, a vinha, o vinho, a renovação das estações, numa palavra, a renovação da vida e a afirmação da fecundidade; assim se explicam algumas representações da época clássica com o deus segurando um bastão, encimado por uma pinha.

Símbolo da renovação e da vida, tal é também a explicação para a representação da pinha, isolada, em diversas lápides funerárias romanas, recolhidas em Portugal; é o caso, ainda, de uma árula dedicada ao deus Endovélico, oriunda de S. Miguel da Mota, a qual ostenta, em um dos seus lados menores uma pinha com pedúnculo e remate, em tudo semelhante às peças calcolíticas (LAMBRINO, 1967, p. 181; ENCARNAÇÃO, 1984, p. 588). Outro exemplo, agora constando a pinha com monumento funerário, em território português, é uma estela, onde tal símbolo ocupa a parte central do frontão, recolhida na Quinta do Marim, Quelfes, Olhão (ENCARNAÇÃO, 1984, p. 99). Relembre-se, a propósito, que Endovélico foi conotado com Attis, o qual se associou também frequentemente à serpente (VAZQUEZ HOYS, GARCIA-VASO & POYATO HOLGADO, 1995). Como referem J. Chevalier e A. Gheerbrant, no culto a Cybele, em Roma, um pinheiro era abatido e transportado ao templo, no Palatino, envolvido como um cadáver, representando Attis (o esposo de Cybele), com grinaldas de violetas (simbolizando o sangue do próprio deus morto). O ressurgimento para a vida era

acompanhado por explosões de alegria da multidão delirante. O pinheiro simbolizava, pois, entre os Romanos, o corpo do deus morto e ressuscitado, imagem viva, da alternância das estações e do retorno à vida. Tal foi o verificado também em muitos outros povos antigos europeus, com reflexos na actualidade, nos seus rituais da Primavera (ELIADE, 1997, p. 386).

Em Portugal, o costume de associar as pinhas – como símbolo da regeneração e da vida – a algumas festas que ainda se praticam na Estremadura, estranhas ao catolicismo, tem o seu exemplo evidente no baile da “pinhata”, realizado no final de Fevereiro, após o Carnaval, com a colocação de uma grande pinha, no centro da sala. O cristianismo adoptou tal simbologia, ainda que dela já não conhecesse o significado primitivo: é o caso, como revelou um de nós (G. C.), da colocação no círio pascal, na noite de Sábado para Domingo de Páscoa, o dia da Ressurreição de Cristo, de cinco pinhas, simbolizando as cinco chagas de Cristo, conforme se pode ver no círio pascal da Igreja de Santo António do Estoril (CARDOSO, 1989), aliás colocado junto da pia baptismal, como que a marcar o renascimento para a nova vida, propiciada pelo baptismo.

Tendo ficado clara a simbologia da pinha, correspondente às peças em apreço, tanto pela forma como pela decoração que ostentam, representando as respectivas brácteas, importa discutir a presença das serpentes, representadas três vezes, na peça do dólmen de Casinhos. Trata-se da primeira vez que, numa peça deste tipo ocorre tal associação. A este propósito, importa referir que o exemplar morfologicamente mais próximo, recolhido na necrópole de hipogeus do Tojal de Vila Chã, Carenque, publicado por Manuel Heleno (HELENO, 1933, Fig. 20), se apresenta decorado por uma linha espiralada que, do ponto de vista simbólico, se pode conotar à serpente.

O significado da serpente, da Pré-História aos dias de hoje, através do estudo comparado das religiões das sociedades primitivas, ou das tradições ainda remanescentes nas sociedades ditas modernas, é de há muito objecto de atenção, tendo sido discutido por eminentes especialistas da História das Religiões; deste modo, seria descabido, neste contributo, repetir o que outros, com maior autoridade, já disseram.

A serpente, como animal sagrado, encontra-se estreitamente associada à noção de morte/regeneração e à fecundidade/renovação, articulando-se, directamente com outros elementos, como a água, e a lua (ELIADE, 1997, p. 220; TAVARES, 1967). Deste modo, a presença e a posição das três serpentes na peça em estudo – número que deverá também conotações simbólicas que nos dispensamos de desenvolver, por ser já tema devidamente tratado por outrém (CHEVALIER & GHEEBRANT, 1994, p. 654) – tem um significado que só reforça o da pinha, sendo, deste modo, perfeitamente compatível com a simbologia daquela.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distribuição deste tipo de artefactos, circunscritos a monumentos funerários da área estremenha – exceptuando dois oriundos do povoado de Vila Nova de S. Pedro, o que nada tem de excepcional, pois eram nos povoados que estas peças se fabricavam – parece corporizar a existência, no decurso do Calcolítico, de uma forma particular de culto à regeneração de vida, como convinha a oferendas fúnebres, destinadas a acompanhar os mortos na sua última viagem, que era também de renascimento para outra vida: a expressão

desta realidade recorreu à representação de elementos do mundo vegetal e animal expressivos de tais conceitos – no caso, a pinha e as serpentes – que corporizam uma curiosa recorrência, ao longo dos tempos e em áreas geográficas muito afastadas, que jamais tiveram relação entre si. Mais tarde, em época próxima da correspondente à peça em estudo, a serpente foi objecto de representações naturalistas, de grandes dimensões, gravadas por incisão ou em alto-relevo, em menires, estelas-menir, e mesmo nos esteios de monumentos megalíticos tanto do território espanhol, cronologicamente situáveis no Neolítico/Calcolítico, entre o IV/inícios do III milénio a.C. (BUENO RAMÍREZ & BALBÍN-BEHRMANN, 1995), como em Portugal: tal é o caso da grande estela-menir do Monte da Ribeira, Reguengos de Monsaraz (GONÇALVES, BALBÍN-BEHRMANN & BUENO RAMÍREZ, 1997), que ostenta uma grande serpente com cabeça bem individualizada, realizada por incisão na face mais decorada do monólito.

Em épocas ulteriores, as representações de grandes serpentes atingiram a sua máxima expressão nos finais da Idade do Ferro do Cento e Norte de Portugal (GOMES, 1999), denunciando a importância destes répteis na superestrutura religiosa das populações castrejas, a ponto de existirem referências nas fontes clássicas a um “povo das serpentes”, habitando o ocidente peninsular, os Sefes, que J. de Alarcão admitiu viverem na actual Estremadura, “entre o Tejo e o Mondego ou talvez, mais limitadamente, entre aquele rio e o cabo Carvoeiro” (ALARCÃO, 1992, p. 340).

Mais tarde ainda, representaram-se serpentes e/ou pinhas em monumentos funerários romanos da Lusitânia e numa árula dedicada a Endovélico.

É lícito, pois, ver nas duas representações idólatricas presentes na peça do dólmen de Casinhos, uma raiz original muito antiga, remontando ao Calcolítico, expressiva de culto de índole funerária então vigente em toda a actual Estremadura portuguesa, mais tarde adoptado por outras civilizações, e ainda com reflexos na actualidade, exactamente no mesmo território. Esta realidade, não pode, por outro lado, ser desligada de uma outra expressão do mesmo culto, remontando também pelo menos ao Calcolítico, e circunscrito à mesma região, em torno da serra de Cintra, o “Monte da Lua”. A lua (associada à serpente), pelas fases sucessivas que exhibe, no decurso dos vinte e oito dias correspondentes ao ciclo lunar completo, é, como a pinha ou a serpente, expressão da regeneração da vida, a cuja morte (lua nova), se sucede de novo, a vida (lua cheia): o vigor desta outra expressão material do mesmo culto, associado às cerimónias fúnebres que então teriam lugar, encontra-se comprovado pelas lúnulas, sejam recortadas em calcário, como os belos exemplares de Carenque (HELENO, 1935, Figs. 16, 17), ou em baixo relevo, como a representada no bem conhecido ídolo do monumento de Folha das Barradas, Sintra (RIBEIRO, 1880, Figs. 87, 88). São peças exclusivas de diversas necrópoles, cuja área de distribuição coincide com a dos ídolos-pinha (JALHAY & PAÇO, 1941).

Em conclusão, o ídolo calcolítico agora estudado, cuja descoberta resultou de um feliz acaso, pela suas características iconográficas e pelos interessantes comentários que proporcionou é, sem dúvida, uma das mais belas, expressivas e relevantes peças do mundo mágico-simbólico da Pré-História portuguesa, denunciando, ao mesmo tempo, a riqueza e a complexidade dos conceitos já então vigentes e praticados.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1992) – Etnogeografia da fachada atlântica ocidental da Península Ibérica. *Paleoetnologia de la Peninsula Iberica* (M. Almagro-Gorbea & G. Ruiz Zapatero, eds.). *Complutum*. Madrid. 2/3, pp. 339-345.
- BUENO RAMÍREZ, P. & BALBÍN-BEHRMANN, R. (1995) – La graphie du serpent dans la Culture Mégalithique péninsulaire. Représentations au plein air et représentations dolméniques. *L'Anthropologie*. Paris. 100 (3), pp. 357-381.
- CARDOSO, G. (1989) – A pinha na simbologia. *Jornal da Costa do Sol*. Cascais (4 de Maio de 1989).
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J. L. (1991) – Sobre os ídolos de calcário – “pinhas” – do Calcolítico da Estremadura – algumas considerações sobre dois exemplares da Lapa do Bugio (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 1, pp. 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial). Oeiras, 164 p.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras, 128 p.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. (1994) – *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa. Editorial Teorema, 727 p.
- ELIADE, M. (1997) – *Tratado de História das Religiões*. 3ª. Edição. Porto. Edições Asa, 572 p.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. 1, 736 pp.
- ESTÊVÃO, F. & DEUS, M. M. de (2000) – A pré-história recente em Loures: dois projectos de investigação em curso. *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999). Porto. 3, pp. 473-483.
- FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, pp. 215-224.
- GOMES, M. V. (1997) – A “Bicha Pintada” (Vila de Rei, Castelo Branco (“sic”)) e as serpentes na Proto-História do centro e norte de Portugal. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 7, pp. 221-240.
- GONÇALVES, V. S.; BALBÍN-BEHRMANN, R. & BUENO RAMÍREZ, P. (1997) – A estela-menir do Monte da Ribeira. *Brigantium*. A Coruña. 10, pp. 235-254.
- HELENO, M. (1935) – Joias pré-romanas. *Ethnos*. Lisboa. 1, pp. 229-257.

- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) – A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, pp. 107-140.
- LAMBRINO, S. (1967) – Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 1, pp. 123-217.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casinhos*. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal, 100 p. (Memória n.º. 16 – Nova Série).
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. 81987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 5, pp. 37-65.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos*. Lisboa. Academia Real das Sciencias de Lisboa, 86 p.
- SERRÃO, E. da Cunha (1975) – Contribuições arqueológicas do sudoeste da península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, pp. 199-225.
- SIRET, L. (1913) – *Questions de chronologie et d'ethnographie ibériques. Tome 1 – de la fin du Quaternaire a la fin du Bronze*. Paris. Paul Geuthner, 504 p.
- TAVARES, A. A. (1983) – *Estudos da Alta Antiguidade*. Lisboa. Editorial Presença, 254 p.
- VAZQUEZ HOYS, A. M.; GARCIA-VASO, J. M. & POYATO HOLGADO, C. (1995) – Serpientes y Attis en una lapida sepulcral extremeña. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid. 35, pp. 245-250.

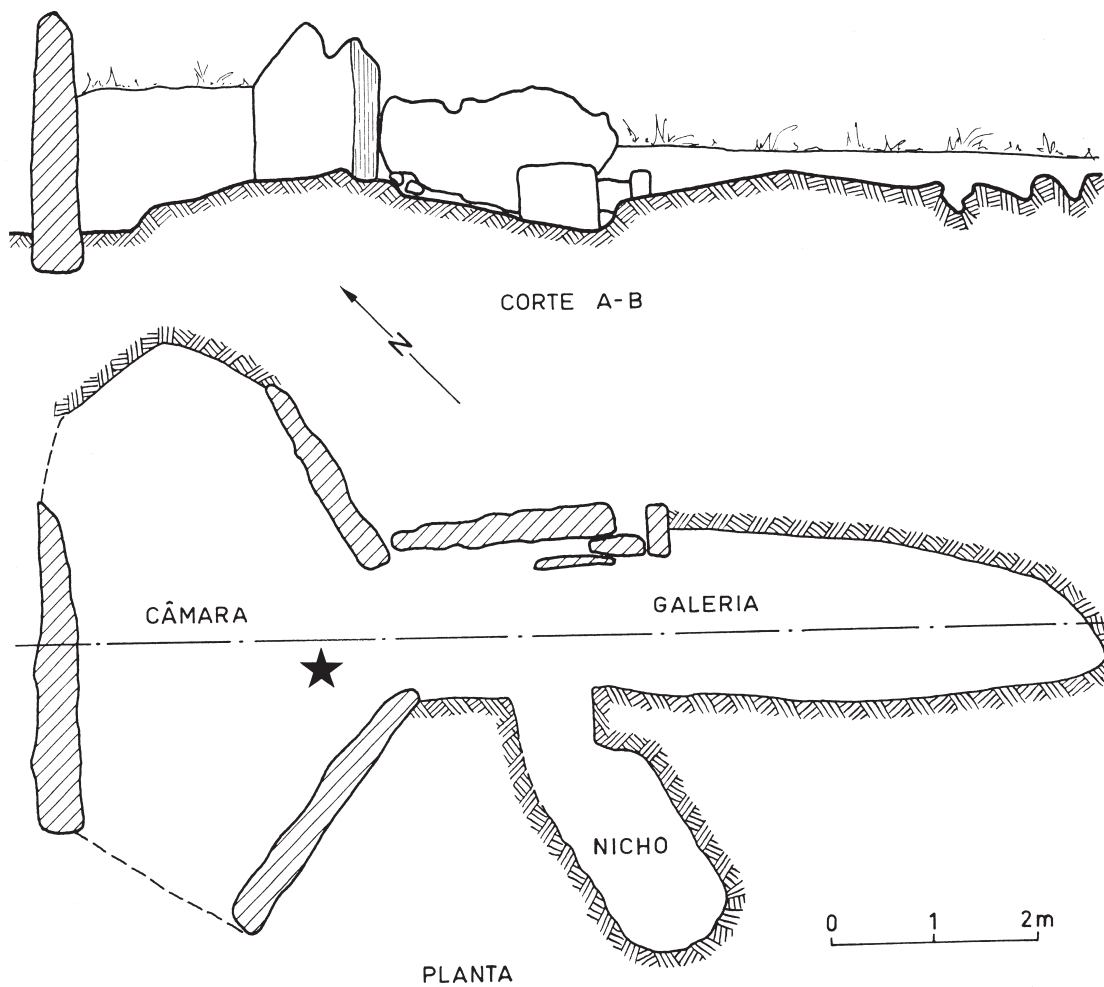


Fig. 1 – Localização da peça estudada na câmara do dólmen de Casainhos. Em cima, na planta publicada (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969, Planche N); em baixo, na área actualmente conservada do monumento (rectângulo branco) (foto de A. Gonzalez).

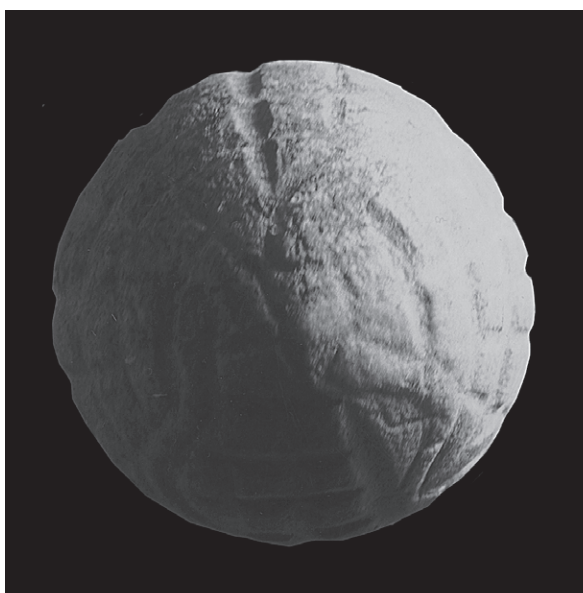


Fig. 2 – O ídolo-pinha do dólmen de Casaiinhos, visto em diversas posições. Na foto de topo, evidenciam-se as cabeças de duas das três serpentes nele representadas, todas visíveis nas fotos restantes (fotos de J. L. Cardoso).

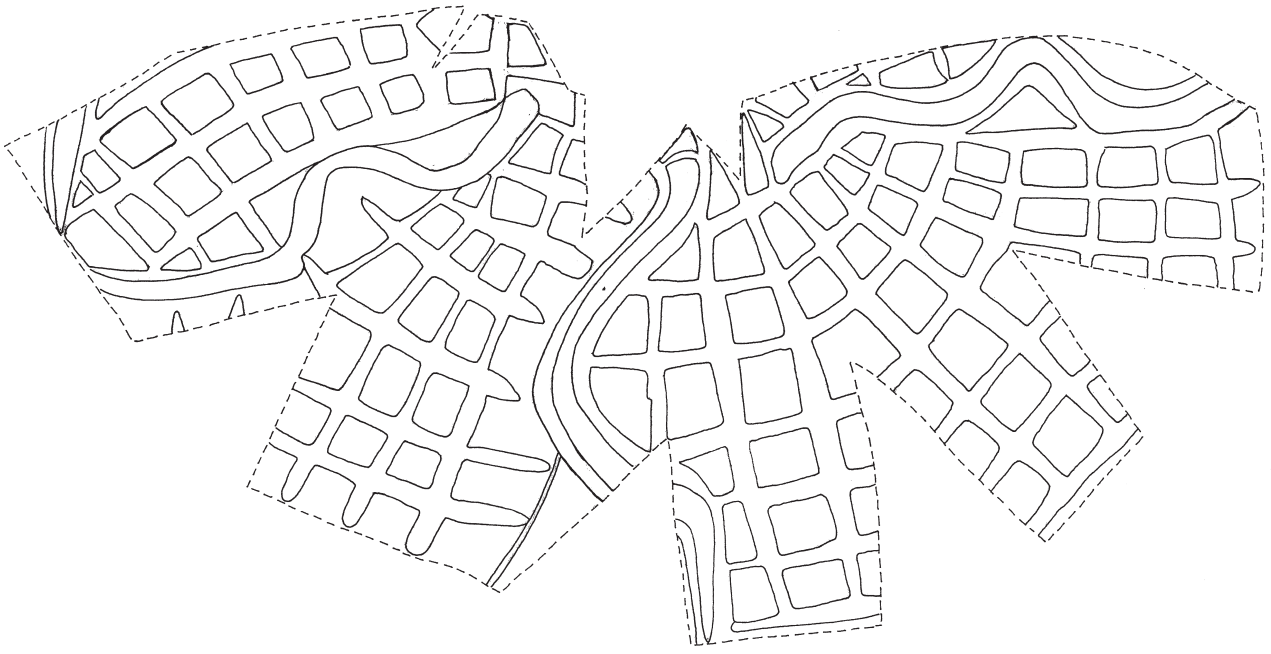
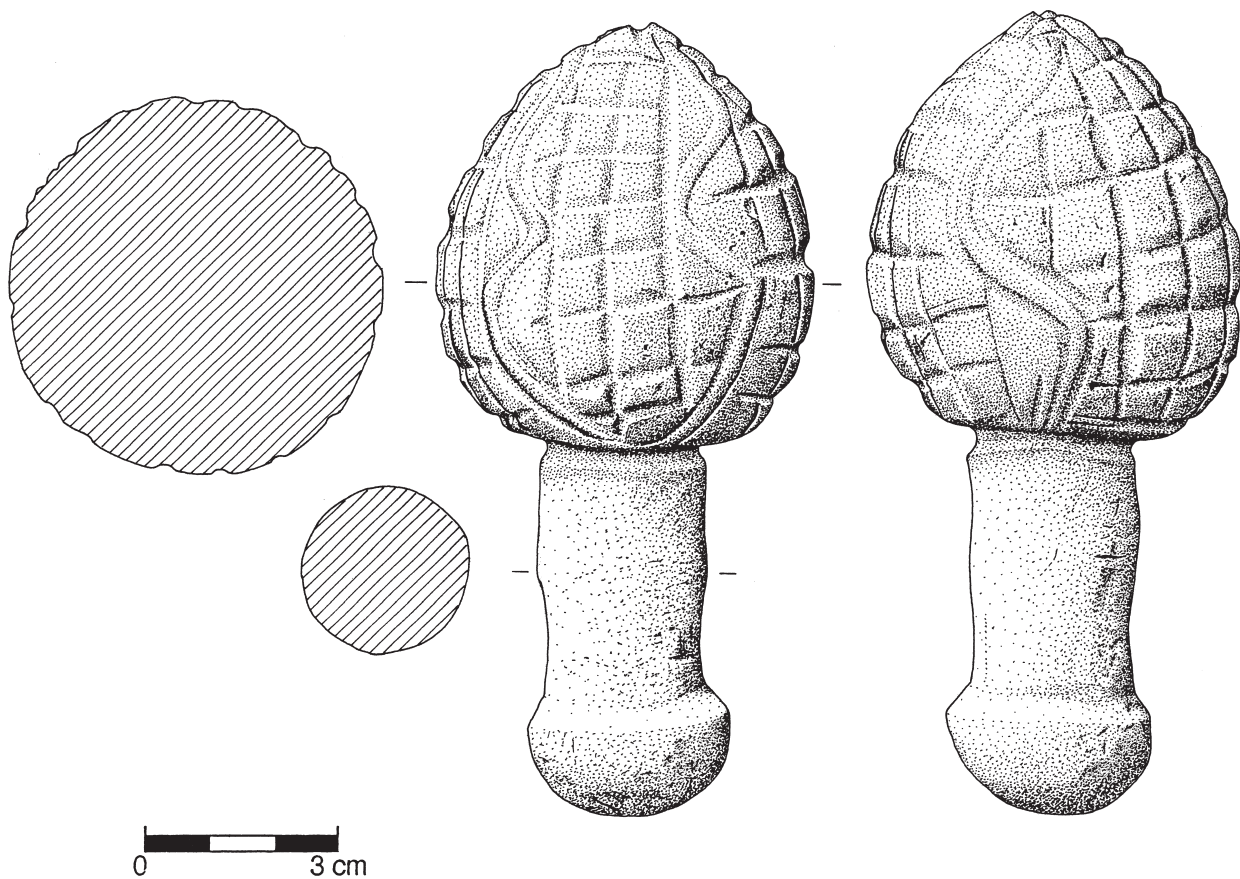


Fig. 3 – Em cima: duas vistas do ídolo-pinha do dólmen de Casainhos e respectivas secções; em baixo, planimetria da parte decorada.